

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO –
ESPECIALIZAÇÃO

Jessica Tavares de Souza

SEREMOS LEMBRADAS?
MEMÓRIAS DE MULHERES NO MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA

Santa Maria, RS
2023

Jessica Tavares de Souza

SEREMOS LEMBRADAS?
MEMÓRIAS DE MULHERES NO MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mariana Selister

Santa Maria, RS
2023

Jessica Tavares de Souza

SEREMOS LEMBRADAS?
MEMÓRIAS DE MULHERES NO MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Aprovado em 30 de agosto de 2023:

Mariana Selister, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz, Dra. (UFSM)

Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

RESUMO

SEREMOS LEMBRADAS?

MEMÓRIAS DE MULHERES NO MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA

AUTORA: Jessica Tavares de Souza
ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Mariana Selister

Este artigo se insere nos debates sobre Memória, Museus e questões étnico-raciais e de gênero, focalizando o Museu Educativo Gama D'Eça em Santa Maria, Rio Grande do Sul. A pesquisa explora três áreas: público dos museus, discursos sobre mulheres nas exposições e distribuição de cargos. Questiona a presença da história das mulheres no Museu Gama D'Eça, o discurso utilizado e a inclusão de mulheres em cargos. A pesquisa usou observação direta e análise de discurso, e como instrumento de pesquisa e coleta de dados, um questionário abordando as áreas mencionadas. Conclusões revelam a relevância e urgência de se modificar os discursos sobre mulheres em museus, incluindo o Museu Educativo Gama D'Eça. Estereótipos persistentes, desigualdades estruturais e falta de representação justa das mulheres na história e nos discursos do museu foram constatados.

Palavras-chave: Memória. Museus. Santa Maria. Gênero.

ABSTRACT

WILL WE BE REMEMBERED?

MEMORIES OF WOMEN AT THE MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA

AUTHOR: Jessica Tavares de Souza

ADVISOR: Prof^a. Dr^a. Mariana Selister

This article contributes to the discussions on Memory, Museums, and ethnic-racial and gender issues, focusing on the Gama D'Eça Educational Museum in Santa Maria, Rio Grande do Sul. The research explores three areas: museum audiences, narratives about women in exhibitions, and the distribution of positions. It questions the presence of women's history at the Gama D'Eça Museum, the discourse employed, and the inclusion of women in positions of authority. The study utilized direct observation and discourse analysis, with a questionnaire addressing the mentioned areas serving as the research tool for data collection. Conclusions highlight the significance and urgency of altering narratives about women in museums, including the Gama D'Eça Educational Museum. The result identified persistent stereotypes, structural inequalities, and a lack of fair representation of women in history and museum narratives.

Keywords: Memory. Museums. Santa Maria. Gender.

INTRODUÇÃO

As mudanças decorrentes da virada do século e do milênio nos fazem (ou deveriam fazer) pensar sobre as novas identidades sociais e culturais (CASTELLS, 1999), que são cada vez mais construídas a partir de uma multiplicidade de fontes, incluindo a influência da mídia, das redes sociais, da tecnologia e das interações em rede (CASTELLS, 1999) que chegam rompendo com tabus, velhas certezas e costumes através de um novo fluxo de ideias, tecnologias e interconexões globais.

Dentre as ondulações transformativas que se destacam, o movimento feminista surge como uma força irrefragável. À luz do arcabouço teórico de Castells (1999), evidencia-se que o movimento feminista adentra este cenário como uma manifestação catalítica, cuja influência transcendente vai além das barreiras geográficas e culturais. Sob o prisma da teoria das redes, os princípios enraizados no movimento feminista são incorporados a um complexo sistema interconectado, proporcionando uma plataforma singular para disseminação, diálogo e mobilização.

Nesse contexto, a abordagem de Flávia Biroli (2014) acrescenta perspicácia à compreensão das interações intrincadas entre as diretrizes e configurações dos movimentos, bem como suas manifestações discursivas, com os contextos culturais, institucionais e políticos (CASTELLS, 1999) que permeiam os territórios onde se encontram ancorados ou se engajam em atividades. Essa abordagem propicia uma plataforma analítica robusta para investigar o papel da memória das mulheres, permitindo uma exploração profunda das formas pelas quais suas identidades são construídas e reinterpretadas através da interseção entre o ativismo feminista, a teoria das redes e as dinâmicas socioculturais. Pensando nisso, o presente artigo buscou verificar e analisar os discursos (GOMES, 2019) sobre as mulheres no Museu Educativo Gama D'Eça, localizado na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Essa discussão insere-se em estudos recentes sobre Memória, Museus e questões étnico-raciais e de gênero. Nesse sentido, ganham relevância investigações como as promovidas por Michelle Perrot (1989; 2021), cujo enfoque na história das mulheres e sua representação contribui substancialmente para a compreensão das dinâmicas de gênero em contextos culturais diversos. Da mesma forma, as contribuições da Tese de Aida Rechená (2011) permitem uma análise aprofundada das interfaces entre gênero e memória, delineando como as narrativas femininas são incorporadas e articuladas nos espaços museológicos. No âmbito das questões

étnico-raciais, a pesquisa de Guilherme Marcondes (2023) oferece perspectivas críticas sobre a construção de memórias e identidades em museus, ampliando o escopo analítico para compreender como as estruturas hegemônicas se relacionam com os processos de lembrança e esquecimento.

Ademais, serviram de base para elaboração dessa pesquisa os estudos da pesquisadora Mariana Selister Gomes (2019), que utiliza em seu trabalho a metodologia da arque-genealogia, análise de discurso de inspiração foucaultiana, aliada a técnicas como observação direta e análise documental para realizar uma arque-genealogia do corpo colonial, através da análise de narrativas expográficas presentes em museus a fim de compreender a emergência e a naturalização de determinados saberes, bem como identificar uma ordem discursiva hegemônica.

No caso deste trabalho, foi selecionado o Museu Educativo Gama D'Eça, museu fundado em 1968 com o objetivo de preservar a memória e a cultura local, da região central do Rio Grande do Sul. O Museu Educativo Gama D'Eça está localizado na primeira rua da cidade, a Rua do Acampamento, no centro histórico de Santa Maria, é considerado um dos principais museus da cidade e pertence a Universidade Federal de Santa Maria¹.

Entender as ações dentro do campo museológico como ferramentas educativas e de impacto social em períodos de reinvenção das relações humanas se faz essencial. O desafio é contribuir para que questões sociais importantes tenham registro e visibilidade, considerando que a identidade cultural (CASTELLS, 1999) é imprescindível no contexto da construção da identidade coletiva e participação social, inclusive das mulheres (MIGUEL & BIROLI, 2014).

Em um cenário onde os efeitos da estrutura patriarcal (SAFFIOTI, 2013; LERNER, 2019) e desigualdades sociais e de gênero (SCOTT, 1995) são imensuráveis, se coloca à prova a capacidade de diversos profissionais de (re)fortalecer vínculos e ressignificar espaços, principalmente os privilegiados por essa estrutura, como é o caso dos museus.

1 A Universidade Federal de Santa Maria possui 26.172 alunos, 275 cursos, 2.038 docentes e 2.486 técnicos administrativos em educação, conforme dados da instituição (UFMS em Números, 2023). A instituição é classificada como a 3ª melhor do Rio Grande do Sul e ocupa a 13ª posição no ranking global de universidades da Times Higher Education (THE) de 2023, entre as universidades federais, ela está em 7º lugar no país (HENRIQUES, 2022).

Esta pesquisa encontra sua justificativa na imperativa necessidade de compreender o patrimônio enquanto um âmbito interdisciplinar, passível de ser examinado sob a égide da perspectiva de gênero. Tal abordagem visa enriquecer a compreensão da construção histórica e sociocultural do discurso sobre as mulheres, como eles emergem, se perpetuam e são ressignificados, particularmente no contexto do Gama D'Eça no início do século XXI.

Essa visão mais ampla sobre o que é patrimônio (BRASIL, 1988), como ele se relaciona com a sociedade, com o imaterial, como ele é utilizado dentro dos espaços consagrados de memória e como pode ser utilizado positivamente em outros espaços culturais gera impacto não somente nesses ambientes, mas também na sociedade como um todo. A pesquisa se concentra em três áreas principais (ou objetivos específicos): o público dos museus; os discursos sobre as mulheres que emergem nas narrativas e nas exposições dos museus; e as distribuições dos cargos nos museus. O objetivo geral é analisar o Museu Gama D'Eça, no que tange à história das mulheres e à equidade de gênero. As questões norteadoras são: Onde está a história das mulheres no Museu Gama D'Eça? Se os museus são lugares que guardam e propagam memórias, incentivam e constroem pensamentos críticos acerca da sociedade e contribuem para a preservação (ou esquecimento) de objetos e histórias, como estamos sendo mostradas ou lembradas nesses espaços, em específico em Santa Maria? Como está a inclusão de mulheres nos cargos do museu em questão?

Para melhor compreensão dessas questões, as metodologias utilizadas foram a observação direta e a análise de discurso (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005), que propõe o entendimento de um plano discursivo que articula linguagem e sociedade, entremeadas pelo contexto ideológico (p. 308). Aliada à observação foi selecionado como instrumento de pesquisa e coleta de dados um questionário abordando as três áreas principais (objetivos específicos) anteriormente citadas. A partir das informações obtidas no questionário foi possível uma melhor compreensão da realidade do museu, além de servir como ferramenta para analisar e identificar áreas de oportunidade para estruturar futuras ações de promoção da equidade de gênero e de representação das mulheres nos espaços de memória.

Para coleta de dados foi utilizada a técnica da observação qualitativa direta e não participativa no espaço do museu, desenvolvida através de uma visita informal

para fotografar o acervo e a exposição vigente. O acervo exposto no museu foi utilizado para a análise de discurso.

Nesse tipo de pesquisa, a pesquisadora observou diretamente o meio social em questão, ou seja, o Museu Educativo Gama D'Eça. Assim, ao visitar o espaço museológico, a pesquisadora pode analisar como as temáticas de gênero, patrimônio, memória feminina e o discurso sobre as mulheres estão sendo abordadas nesse espaço.

Sendo assim, foi necessário considerar se as exposições são inspiradas em histórias e experiências diversas relacionadas às mulheres e se dão maior ênfase às presenças ou ausência das mulheres na história e campos sociais e culturais da cidade, entre outras questões.

No museu, foi observado de maneira direta o discurso sobre as mulheres na exposição. Isso inclui observar a quantidade de objetos e documentos expostos, como por exemplo, livros, cartazes, peças de arte e outras, além de verificar a existência e o espaço ocupado por esses conteúdos.

A segunda fase da pesquisa constituiu-se na análise dos dados, de caráter qualitativo, enfatizando a análise discursiva dos objetos que compõem o acervo dos museus, buscando compreender como se constrói a significação dos objetos musealizados.

Através da análise de discurso à luz dos conceitos de Michel Foucault (1996), investigamos as expressões culturais presentes no museu, visando compreender os sentidos construídos pelo discurso e as relações de poder implícitas. Por meio dessa análise, foi possível compreender e interpretar os significados atribuídos aos objetos expostos, bem como identificar as conexões e interações entre eles, enriquecendo, assim, a experiência. Ao se debruçar sobre o discurso museal, a análise de discurso nos permite ir além das superfícies aparentes das exposições e explorar as implicações ideológicas, políticas e sociais dos discursos que permeiam o ambiente museológico.

Além disso, buscou-se desenvolver um estudo que, de certa forma, acolhesse a diversidade do serviço museal ao mesmo tempo em que contribui para evidenciar o quanto desiguais são as representações femininas, e o quanto as nossas histórias e contribuições são invisibilizadas nesses espaços.

A expectativa é que a pesquisa possa contribuir para fomentar a discussão sobre a valorização da história e da memória feminina no campo do patrimônio

cultural, dentro e fora de espaços culturais, reforçando o valor histórico e cultural das mulheres, ressaltando a importância de suas histórias.

Reforça-se a necessidade de evidenciar mulheres como detentoras e transmissoras de tradições culturais e saberes e fazeres que desempenham um importante papel dentro da preservação do patrimônio e construção da diversidade cultural brasileira, além de sensibilizar a comunidade para outras questões culturais e sociais, como combate à intolerância de gênero.

A seguir, será apresentada uma breve revisão bibliográfica sobre gênero, memória e poder, seguido dos resultados da análise sobre o Museu Educativo Gama D'Eça, e por fim, uma reflexão sobre o que foi encontrado e interpretado pela autora.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como propósito abordar os conceitos norteadores da pesquisa. A partir do estudo, busca-se compreender melhor como a memória das mulheres está sendo preservada, comunicada e representada nos museus. Será também analisado o papel dos museus na promoção de memórias representativas de mulheres e o modo como essas memórias são abordadas. Além disso, serão consideradas os discursos de gênero existentes e como eles influenciam a memória das mulheres.

Nossas premissas norteadoras serão baseadas na Teoria Feminista (SARDENBERG, 2002), na Nova Museologia (TEIXEIRA, 2022) e no conceito de Memória Coletiva (HALBWACHS, 1990). Essas teorias serviram como guia para compreender melhor os significados da memória das mulheres e o discurso apresentado nos museus. Espera-se, assim, contribuir para o debate a respeito da temática e discutir o papel dos museus na promoção de memórias representativas de mulheres.

1.1 OS MUSEUS E O DEBATE DE GÊNERO

O conceito de gênero foi construído cientificamente buscando compreender as relações sociais estabelecidas entre os homens e as mulheres, os papéis que cada

um assume na sociedade e as relações de poder estabelecidas entre eles. De acordo com Joan Scott, gênero refere-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1995, p. 78) e é um dos elementos que estruturam a identidade social e individual.

A percepção da categoria gênero nos remete à compreensão dos papéis sociais. Classificar os seres humanos como “masculino” ou “feminino” já é um processo de criação desses papéis, já que a associação do que é marcador de masculinidade ou feminilidade legitimam comportamentos, atitudes e características que são considerados inerentes a cada um.

Os papéis estabelecem uma hierarquia que vai desde a distribuição de serviços domésticos até cargos de grande responsabilidade. Esta hierarquia acaba por reforçar estereótipos de gênero, estabelecendo regras e comportamentos esperados e desejados para mulheres e homens.

Cada sociedade com suas características culturais específicas apresentam uma gama de expectativas de comportamento para ambos os sexos, transmitidas à criança num processo de socialização, através dos pais, do seu ambiente e da cultura em geral, então, o termo "gênero" enfatiza o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade (SCOTT, 1995).

As relações sociais são constituídas, entre outras, pelas relações de gênero. O corpo é a realidade de início, seguido pelo gênero, que é uma atividade originante que acontece sem cessar, um ato diário de interpretação e reconstrução. A construção das relações sociais é mutável, sendo passível de ser superada enquanto geradora de assimetrias que resultam nas desigualdades. Sobre isso, Lauretis (1994, p. 210) afirma que: “O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria”.

Lauretis defende o gênero como a representação de uma “relação que se constrói entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer” (LAURETIS, 1994, p. 210). As relações de gênero se estabelecem dentro de um sistema hierárquico que dá lugar a relações de poder, nas quais o masculino não é unicamente diferente do feminino. Esta diferença de poder torna possível a ordenação da existência em função do masculino, em que a hegemonia se traduz em um consenso generalizado a respeito da importância e supremacia masculina.

A relação entre homens e mulheres dentro do sistema capitalista é baseada na opressão e exploração das mulheres (SAFFIOTI, 2013), daí, então, parte a necessidade de uma análise crítica dessa dominação e do modelo patriarcal de gênero (SAFFIOTI, 2013; LERNER, 2019). Na busca pela equidade de direitos entre homens e mulheres se faz necessária uma análise reflexiva da construção social e histórica do feminino versus masculino, e de suas relações e papéis, que em nossa sociedade são absurdamente assimétricos.

As transformações sociais de um mundo em constante movimento também refletem dentro do campo patrimonial, onde as instituições museológicas veem a necessidade de refletir sobre o seu papel, pois é em espaços dessa natureza que se concentram importantes discussões, debates, processos de aprendizagem e entretenimento relacionados a arte e cultura.

No Brasil, a luta dos povos indígenas e do movimento negro para a inclusão do Patrimônio Imaterial na Constituição de 1988 reflete um marco significativo na busca por reconhecimento e preservação das expressões culturais, práticas e saberes tradicionais historicamente marginalizados ou subalternizados. No contexto pré-constitucional, tanto os povos originários quanto o movimento negro enfrentaram desafios no sentido de ter suas identidades e manifestações culturais devidamente reconhecidas e protegidas. Esse processo de reconhecimento se consolidou com a promulgação da Constituição de 1988, que reconheceu a diversidade cultural do país e estabeleceu bases para a salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro (MONTEIRO; ABREU, 2020).

A definição oficial do conceito de museu acompanha as mudanças sociais e tecnológicas. No ano de 2022, durante a 26ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus em Praga, na República Tcheca, o ICOM, International Council of Museums, da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, órgão responsável por questões inerentes aos museus, atualizou a definição de museu para:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento. (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2022).

No entanto, essa definição encontra-se em constante processo de modificação, e possivelmente será reelaborada, já que a definição do que é ou o que deve ser um museu é dinâmica, complexa e composta por muitas controvérsias. Apesar disso, percebe-se que a função dos museus na preservação da história e da cultura tem sido redirecionada para incluir e valorizar também as narrativas de grupos minorizados e discriminados, a fim de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao mesmo tempo, profissionais e estudiosos culturais estão propondo uma série de medidas para transformar os museus “tradicionais” e ilustrar como eles podem resistir ao status quo através da abordagem de questões sociais, sejam elas relacionadas à raça, etnia, gênero, orientação sexual, classe, entre outras. Isso reforça a missão dos museus, já que no Código de Ética para Museus, elaborado pelo ICOM, os museus “[...] têm o dever de adquirir, preservar e valorizar seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico [...]” (INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2017, p. 9).

A dinâmica interdisciplinar da museologia tem a missão de colaborar para uma construção pedagógica, cultural e política dos indivíduos. Portanto, o papel educativo de um museu reforça seu objetivo, que não fica restrito apenas à legitimação de figuras ilustres ou fenômenos naturais, e sim leva os visitantes à reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico. O que antes era analisado dentro de uma “fórmula” engessada, hoje deve ser interpretado.

Chagas (2002, p. 19) afirma que “a instituição museu não é um produto pronto, acabado. É resultado das ações humanas que o estão construindo ou reconstruindo a cada momento; portanto, é resultado da prática social”. Reforçando a ideia, Chagas (2002) traz o argumento de que tudo é museável, embora nem tudo seja musealizado, processo esse que pode ser considerado um propagador da memória como expressão social.

O contexto em que os bens culturais estão inseridos costuma ser o que os torna museáveis, lhes dá significado e contribui para sua preservação ou esquecimento. Os museus “recebem, elementos pautados por uma importância, definida a partir do valor relevante para a comunidade, que pode representar a identidade coletiva dos grupos culturais” (ZARBATO, 2023, p. 51). Portanto, um objeto que não tem relação emocional e nada significa para alguns, para outros pode ter um valor inestimável, e

é exatamente aqui que reside a riqueza da cultura, onde tudo depende do olhar do espectador.

A inclusão de questões de gênero nos museus é um debate que surgiu no século XX e tem ganhado cada vez mais espaço no início do século XXI. Na tentativa de representar de maneira mais equânime as histórias, o campo da museologia tem buscado diferentes maneiras de inserir a temática “gênero” nas exposições e nas narrativas apresentadas nos museus.

Nesse sentido, os trabalhos de Michelle Perrot (1989; 1995; 2021) têm desempenhado um papel preponderante na análise das relações de gênero e na visibilidade das mulheres na esfera histórica e cultural, enfocando questões como trabalho, família e resistência, assim oferecendo uma nova perspectiva sobre a participação das mulheres nos processos históricos. Outro marco significativo na evolução da abordagem museológica em relação às questões de gênero e mulheres é a tese da pesquisadora Aida Rechená (2011), sua pesquisa pioneira, intitulada “Sociomuseologia e género: imagens da mulher em exposições de museus portugueses”, destaca-se como uma das primeiras incursões acadêmicas que exploram de maneira sistemática e aprofundada a presença e os discursos que envolve mulheres nos museus. Ao investigar criticamente a relação entre gênero, memória e museus, a pesquisa de Rechená catalisou uma nova direção de indagações e debates acadêmicos e profissionais, contribuindo para a emergência de um campo de estudos que enfoca a interseção entre gênero e museologia.

As mudanças nesse sentido contribuem grandemente para construção de um setor cultural mais inclusivo, ao mesmo tempo que proporciona melhor acesso ao conhecimento à população, mostrando que questões como diversidade, pluralidade, tolerância e justiça são fundamentais à construção e ao desenvolvimento contínuo do conhecimento. Além disso, essas ações podem estimular o despertar de uma consciência social, inspirando a busca por soluções através do amplo diálogo e promovendo a reflexão quanto a questões importantes que ligam os museus a sua comunidade.

Destaca-se nos estudos de Irene Vaquinhas (2014) a importância de se considerar a representação de mulheres nos espaços de memória, reforçando o papel social e político dos museus. Além disso, a autora apresenta um discurso crítico à exclusão histórica das narrativas femininas, e como os museus devem fazer um esforço para corrigir essa exclusão.

Em sua pesquisa, Suzy Santos (2017, p. 58) traz uma importante indagação: “Que museus são esses que serviram como ferramentas para a consolidação de discursos científicos xenofóbicos, racistas e machistas?”. Podemos observar também as conclusões da pesquisa de Mariana Selister Gomes (2019), que indicam a recorrência discursiva que se perpetua nos museus, notadamente no que concerne à temática da nudez e do exotismo, as quais subservem à reconstituição da Colonialidade dos Corpos oriundos de contextos não europeus. Essas questões refletem a necessidade de se considerar os discursos que os museus difundem na sociedade, para que sejam identificados e combatidos eventuais resquícios de discursos opressivos.

Outros estudos, como os do professor e pesquisador Bruno Brulon (2017), argumentam que os museus têm uma responsabilidade ainda maior para fornecer narrativas equilibradas sobre a diversidade existente de histórias. Argumentando que os museus devem se tornar verdadeiros espaços de diálogo, onde todas as vozes sejam ouvidas e onde as narrativas possam ser reconhecidas e compreendidas.

Uma das formas encontradas para contar essas (outras) histórias tem sido a criação de mostras temáticas sobre gênero, como a exposição “história das mulheres” e “história feministas”, ambas apresentadas no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) em 2019.

A mostra “história das mulheres” tinha o objetivo de reposicionar obras de artistas que trabalharam até o final do século XIX, levantando discussões sobre a diferença de valores entre obras do universo “masculino” e “feminino” e também entre arte e artesanato. Já a mostra “história feministas” se propõe a incitar novos debates a partir da produção de artistas do século XXI, através de uma abordagem feminista da história da arte. Outras mostras temáticas sobre gênero têm sido criadas em museus de todo o mundo, como a exposição “Out of Place: A feminist look at the collection”, no Museu do Brooklyn, com trabalhos de mais de 40 mulheres.

Por outro lado, nota-se que, mesmo após muita reivindicação e discussão, os museus pouco têm feito para ampliar a presença de mulheres nas exposições, ou mudar sua narrativa já exposta, destacando seu verdadeiro papel na história e na cultura. Apesar de muitos museus adotarem narrativas mais equilibradas que incluam mulheres, paralelo à busca, aquisição ou “desengavetamento” de obras de artistas femininas, ainda há grandes diferenças nos acervos fixos.

No ano de 2017 o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) recebeu a retrospectiva de trabalho das Guerrilla Girls, coletivo norte-americano de artistas que realizaram uma verificação estatística do percentual de nus femininos versus a quantidade de obras de autoria de mulheres. No caso do MASP, “60% dos nus do museu eram de mulheres, enquanto as obras de autoria feminina constituem 6% do acervo. Essa disparidade revela o lugar que a mulher ocupa nos museus” (GODOY; LUNA, 2020).

Salienta-se que o debate sobre gênero no campo museológico ainda é muito recente, e é necessário que os museus sigam investindo nessa discussão, para que mulheres possam estar cada vez mais presentes nas narrativas, exposições e acervos. É essencial que se incentive a discussão e criação de espaços de memória onde se aborde temas importantes, como a representação de mulheres e outros grupos minorizados, aproveitando a oportunidade para criar um diálogo que estimule a reflexão acerca das questões sociais e de gênero, “contribuindo para a diminuição progressiva do obscurantismo intelectual e a redução dos preconceitos” (GODOY; LUNA, 2020).

Museus são espaços democráticos de preservação, pesquisa e educação (ou, ao menos, deveriam ser). As instituições museológicas são espaços únicos que conectam o passado e o presente, servindo de ferramenta para compreensão do mundo. Seja por meio de exposições, palestras, cursos ou outras atividades culturais, os museus contribuem diretamente para o enriquecimento da sociedade. Ramos afirma que museus sempre tiveram caráter pedagógico, tanto para modelos de doutrinação quanto para estimular o ato de reflexão. Sendo assim, “não há museu inocente” (RAMOS, 2004, p. 14), pois toda exposição carrega o caráter político da educação.

O papel dos museus é contribuir para a formação e educação das pessoas (SANDELL, 2002; SOUZA, 2002), além de promover valores como o respeito e a tolerância à diversidade e ao patrimônio cultural. E “para assumir seu caráter educativo, o museu coloca-se, então, como o lugar onde os objetos são expostos para compor um argumento crítico” (RAMOS, 2004, p. 20). Portanto, são lugares onde as pessoas podem compreender a própria história, bem como o papel que ocupam na sociedade. Assim, também são espaços de defesa dos direitos humanos e igualdade de oportunidade para todos.

Nesse sentido, a nova museologia propõe uma abordagem mais flexível, participativa e inclusiva do que as abordagens tradicionais, nas palavras de René Rivard (1984, p. 17) “a nova museologia é um movimento cuja ação surge do desejo de mudança de uma coletividade em sua organização social e em suas instituições”.

A perspectiva da nova museologia se potencializou a partir da década de 1970, e buscou romper com os padrões estereotipados de museus, assumindo domínios e técnicas que se apropriam da cultura contemporânea. Os museus, então, não seriam mais definidos como espaços estáticos de exibição e conservação de objetos históricos e artísticos, mas como locais de produção científica e cultural que criam contextos para o debate de ideias. “Na perspectiva dos participantes do movimento da Nova Museologia, a preservação do patrimônio cultural era um ato de educação voltado para o exercício da cidadania e da transformação social”. (TEIXEIRA, 2022, p. 93).

A nova museologia leva em conta os princípios do diálogo entre as comunidades culturais, o emprego de processos participativos na realização de exposições e o desenvolvimento de projetos educativos e de gestão de recursos que se voltam para questões sociais e do território. Sendo assim, é “um movimento que trata de temas como a relação dos seres humanos com o objeto (patrimônio cultural) na sua diversidade, explora a importância da sua preservação integrada (patrimônio natural e cultural), numa perspectiva de educação transformadora voltada para a construção de uma cidadania ativa”. (TEIXEIRA, 2022, p. 94).

Por essa razão, surge uma maior preocupação com a democratização do acesso ao conhecimento e, assim, uma maior proximidade do museu e da comunidade, de forma que ambos possam interagir de forma proveitosa para o crescimento e o desenvolvimento da cultura, bem como a identidade da região.

Na sociedade, espaços de fomento à cultura, artes, esportes e lazer são extremamente importantes para a promoção de uma vida saudável e equilibrada. Nesse sentido, espaços culturais oferecem acesso aos meios necessários para a participação em uma sociedade democrática, incentivando a aprendizagem, mudança social (SANDELL, 2002, p. 190), o combate à discriminação e o exercício da cidadania.

O debate sobre espaços museológicos tem se tornado cada vez mais relevante à medida que as diferentes formas de representação e a diversidade de narrativas

emergem. É importante lembrar que o museu é lugar de armazenamento de memórias, um lugar que deve representar todas as vozes e narrativas da sociedade.

Portanto, o debate sobre mulheres em museus é essencial para a construção de narrativas equilibradas e representativas. Os museus devem fazer um esforço para incluir e reconhecer as vozes das mulheres, para que possamos ter um entendimento justo sobre a história que nos envolve e nos conecta.

Nesse sentido, as instituições culturais seriam mais efetivas em desempenhar um papel cada vez mais importante na construção de comunidades resilientes, atuando como importantes e fundamentais intérpretes dos ideais democráticos, e promovendo o diálogo sobre diferentes questões culturais, econômicas e sociais.

Em suma, seria efetiva a missão de oferecer oportunidades educacionais, permitindo que os membros das comunidades tenham acesso a materiais, informação e conhecimento. Esses aspectos tornam as instituições culturais essenciais na manutenção de comunidades saudáveis e fortes, abertas às múltiplas vozes, formas e experiências.

Trabalhar para promover a equidade de gênero, a diversidade da história das mulheres e educar a população sobre a herança cultural deixada pelas mulheres na arte, ciência e história, é um dever de todos. E isso pode ser feito mediante a promoção da educação patrimonial, a qual se revela como um veículo com imenso potencial de utilizar “os recursos acadêmicos para fomentar a valorização da cultura local frente a culturas hegemônicas” (GOMES, 2015, p. 469). Ao adotar práticas inclusivas, os museus podem contribuir para que mulheres possam participar ativamente no mercado de trabalho cultural e da vida intelectual, reparando assim muitos danos históricos.

1.2 MEMÓRIA E PODER

De natureza polissêmica, os conceitos de memória social e memória coletiva podem ser percebidos de diversas formas, dependendo do campo de investigação. Nesse contexto em particular, a memória social denota um mecanismo que caracteriza o ato de construir sentido a partir de experiências compartilhadas. Essas lembranças decorrem de histórias, lendas, rituais, tradições, costumes e várias outras formas de conhecimento transmitidos ao longo das gerações. Tais percepções ajudam a moldar as práticas culturais e a identidade de um coletivo.

A memória social é o conhecimento e as representações acumuladas ao longo do tempo pela sociedade, ou o inquebrantável conjunto de crenças e práticas relacionadas à identidade de um grupo de pessoas. Em outras palavras, é a maneira como a cultura, a história e a memória são perpetuadas e transmitidas de geração em geração. Halbwachs (1990), criador da categoria “memória coletiva”, enfatiza que os contextos sociais desempenham um papel fundamental na reconstrução e na unificação das memórias dos indivíduos. Em outras palavras, a memória não se limita apenas às lembranças individuais, mas é moldada por interações dentro da sociedade.

A memória coletiva (HALBWACHS, 1990), por sua vez, é o conjunto de memórias compartilhadas por membros de um grupo ou comunidade, e envolve o resgate e reavaliação dos eventos passados em relação ao presente, influenciados desde os primórdios da concepção da "nação" (HALL, 2000, p. 51) pela cultura nacional que exerce um papel crucial na construção de significados, pois “fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido a nação” (HALL, 2000, p. 52).

Então, impregnado pelo poder da retórica nacionalista, sendo o poder “semeador e promotor de memórias e esquecimentos” (CHAGAS, 2002, p. 36), o patrimônio cultural assume o papel de definir o conjunto de valores culturais aceitos, bem como a memória oficial, processo que implica em escolhas de exclusão e silenciamento (POLLAK, 1989; CHAGAS, 2002), onde determinados elementos são deliberadamente esquecidos ou suprimidos propositalmente para perpetuar a visão seletiva e ideologicamente direcionada da história e da cultura da nação (HALL, 2000).

Portanto, a memória social é o processo mais amplo pelo qual os grupos culturais são construídos e rastreiam sua história compartilhando experiências, enquanto a memória coletiva é um meio de se conectar à identidade de determinado grupo e preservar eventos, costumes e tradições daquela comunidade.

Em paralelo, temos a memória individual, que é modelada pela cultura e às vezes reprimida por sua influência. A memória individual seria a lembrança dos fatos que acontecem de acordo com a vivência de cada um, sendo constantemente reconstruída. Halbwachs acredita que a memória individual é construída a partir de padrões culturais, que são incorporados pelos indivíduos até se tornarem próprios, sendo a “memória individual um ponto de vista sobre a memória coletiva”

(HALBWACHS, 1990, p. 51). Sendo assim, a memória individual não é individual dentro de um sentido estrito da palavra. Em vez disso, é formada e ativada por elementos culturais, tais como narrativas ou tradições compartilhadas, sendo vista e interligada à memória coletiva.

De acordo com a análise de Jon Assmann e Aleida Assmann dos estudos de Halbwachs, a memória social é formada pela cultura, incluindo os conceitos de "memória cultural" e "memória comunicativa", elaborado pelos autores. Para Assmann, “a memória nos capacita a viver em grupos e comunidades e viver em grupos e comunidades nos capacita a construir uma memória.” (ASMANN, 2008, p. 117). Para os autores, existem três níveis de tempo, identidade e memória²:

Quadro 1 – Níveis de tempo, identidade e memória

Nível	Tempo	Identidade	Memória
Interno (neuromental)	Interno, tempo subjetivo	<i>Self</i> interno	Memória individual
Social	Tempo social	<i>Self</i> social, pessoa como portadora de papéis sociais	Memória comunicativa
Cultural	Tempo histórico, mítico, cultural	Identidade cultural	Memória cultural

Fonte: ASSMAN (2008, p. 117).

Em termos de memória, o nível interno diz respeito à lembrança pessoal, originada da mente e sendo historicamente a forma exclusiva de memória até a década de 1920. Por outro lado, o nível social está relacionado a tudo o que é adquirido por meio da comunicação e do envolvimento social, conforme demonstrado

2 Para embasar o desenvolvimento deste estudo, a autora restringiu sua investigação ao exame do nível cultural, tendo como base os discursos presentes no Museu. No âmbito de sua pesquisa intitulada "Gênero, memória e patrimônio: o Museu das Mulheres de Santa Maria", conduzida no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural/UFSM, a autora entrelaça as dimensões temporais, identitárias e mnemônicas em um enfoque abrangente.

na pesquisa de Maurice Halbwachs sobre a construção da memória, que enfatiza a importância desses fatores (ASSMANN, 2008).

Você já se perguntou como as memórias moldam nossa compreensão do mundo? Muitas vezes, as memórias podem impulsionar o progresso e inspirar mudanças, mas também podem perpetuar sistemas opressivos. Em regimes que buscam controlar e silenciar a oposição política, por exemplo, a manipulação e o apagamento da memória podem ser uma ferramenta poderosa. Nas palavras de Le Goff (1990, p. 32), “se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos”. É nesse ponto que a interseção da memória e do poder se torna particularmente complexa.

Sob a perspectiva de Le Goff (1990, p. 111), “as estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido”. Sendo assim, o desmonte da memória é algo comum e útil, não só, mas principalmente em regimes totalitários, onde há um esforço contínuo para apagar determinadas partes da história e glorificar outras. Para tanto, pode haver a distorção de eventos e fatos históricos, o rastreio de livros e publicações considerados sensíveis ou imprudentes, a proibição de expressões culturais específicas, o controle de filmes e programas de televisão, a restrição de documentos, e até a perseguição de pessoas.

Essa é uma tática usada para manipular e criar uma narrativa que beneficie os que estão no poder:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 429).

Sendo assim, a “estrutura responsável” costuma apagar a memória de determinados eventos e moldar uma versão da história que justifique suas ações para assim, perpetuar sua autoridade. Infelizmente, essa é uma realidade dolorosa para muitos que tiveram suas identidades desmanteladas, mas a compreensão dessa

dinâmica faz pensar como nós, como sociedade, podemos trabalhar para recuperá-las.

Nas palavras de Michelle Perrot (1989, p. 9) “no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”. Há um constante apagamento da memória de diversas mulheres. Para Perrot (2021), as relações das mulheres com o poder se dão primeiramente no jogo de palavras, sendo “poder” um termo polissêmico que “no singular, tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina” (PERROT, 2021, p. 177).

Durante séculos, as narrativas das mulheres foram suprimidas ou totalmente descartadas, deixando-nos com uma compreensão distorcida e incompleta da nossa própria história. Sendo o “poder político apanágio dos homens - e dos homens viris”, colocando a ordem patriarcal como uma ferramenta de poder e manipulação pois “deve reinar em tudo: na família e no Estado”, mantendo a “lei do equilíbrio histórico” (PERROT, 2021, p. 184).

Para a autora, “a oposição entre homem/cultura e mulher/natureza domina a história das sociedades e comanda as pulsões dos acontecimentos” (PERROT, 2021, p. 182). Ao mesmo tempo em que “o curso dos acontecimentos coletivos depende, como a felicidade e a paz dos lares, desse equilíbrio dos sexos” (PERROT, p. 183). Mas o que acontece quando começamos a reivindicar essas narrativas, ressuscitando-as das margens e elevando-as ao seu lugar de direito na memória coletiva?

O poder é semeador e promotor de memórias e esquecimentos. (CHAGAS, 2002, p. 44). A partir da percepção da memória como um instrumento de poder e de constituição de identidade, podemos compreender melhor como a preservação do passado é importante para a formação e constituição de um indivíduo e para construir uma identidade coletiva.

A preservação da memória, dos dados e dos registros históricos coletivos, é essencial para romper o ciclo de amnésia que impede uma consciência justa do futuro. Além disso, a memória também tem um importante papel nos estudos históricos, pois é uma das principais ferramentas para entender o passado e compreender o presente. Preservar a memória do passado também ajuda a preparar melhor o futuro, contribuindo diretamente para o desenvolvimento social.

A discussão sobre a preservação da memória feminina proliferou na década de 1980 (KOFES & PISCITELLI, 2011), e logo depois, nos anos 1990 a discussão sobre

“museologia de gênero”, como resultado de vários fatores dos campos da museologia e dos estudos sobre mulheres e gênero. Como dito anteriormente, a memória está associada às nossas lembranças e experiências, que estão “marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero” (KOFES; PISCITELLI, 2011, p. 5).

Nos museus, a memória funciona como meio de conservar a história e identidade de grupos sociais e, ao mesmo tempo, de controlar o discurso sobre as mudanças significativas no histórico. Isso faz com que a memória seja usada para intercalar o passado, o presente e o futuro em uma só narrativa, sendo possível a criação de uma versão única para um determinado lugar ou tema.

Através da memória que se preserva, os museus intervêm no modo como o passado é representado. Assim, podem também utilizá-la como instrumento para exercer forças ideológicas e controlar e/ou distorcer a compreensão de outras camadas da história. O que se justifica pelo fato de que “da história, dita tradicional, as mulheres foram excluídas, pelo fato de se destinarem a elas os espaços domésticos, enquanto que as narrativas históricas se voltaram para os eventos da esfera pública” (FLORES, 2008, p. 118).

Seguindo a perspectiva de Scott (1995), o gênero serve como o principal meio de indicar a dinâmica do poder. Aqui o poder tem um papel duplo: inicialmente, através da memória, serve para reivindicar direitos históricos – como identidades coletivas e direitos humanos – colocando a história fora dos padrões coloniais e das narrativas hegemônicas; mas também pode atuar como ferramenta de manipulação do discurso histórico, construindo um imaginário patriótico deturpado/controlado. E pode-se refletir também sobre a divisão sexual da memória (PERROT, 1989; FLORES, 2008), onde “os homens estariam aptos a narrar os eventos gerais, da esfera pública; as mulheres seriam as guardiãs e as informantes da vida cotidiana” (FLORES, 2008, p. 119).

Portanto, o Museu pode ser um lugar que faz uso do poder como instrumento de reforçar ou manipular narrativas históricas. Logo, devemos estar cientes de como as tradições, os processos produtivos, os sistemas de crença e a cultura política, social e simbólica estão representados nestes espaços. Dessa forma, pode-se encontrar, na manipulação da memória, uma via eficaz e poderosa para enfrentar determinados discursos de poder.

2 O MUSEU GAMA D'EÇA EM SANTA MARIA RSRS

No final do século XIX, o médico Astrogildo de Azevedo adquiriu uma extensa área no coração de Santa Maria, para construir um paletete. Seu projeto, de autoria do arquiteto Theodor Wiederspahn, finalizou-se em 1913, abrigando um consultório e também sua residência.

Figura 1 — Fachada do Museu Educativo Gama D'Eça



Fonte: SOUZA, Jessica. Museu Educativo Gama d'Eça. 2023. 1 fotografia. Foto da fachada Museu Educativo Gama D'Eça.

Astrogildo de Azevedo desempenhou um papel importantíssimo na cidade de Santa Maria, sendo um dos responsáveis pela fundação do primeiro hospital da cidade, o Hospital de Caridade, em 1903. Nascido em 1867 na cidade de Porto Alegre, Astrogildo formou-se em medicina no Rio de Janeiro em 1889. Em 1890 já estava em Santa Maria, cidade onde adquiriu importante representatividade, sendo o principal promotor do saneamento da cidade.

Após falecer em 1946, o palacete de Astrogildo passou à sua filha, que se casou, mas, por não ter herdeiros, ao morrer acabou deixando-o como herança para seus sobrinhos. Em 1984, a Universidade Federal de Santa Maria adquiriu o local (veja abaixo o esquema de gestão institucional do Museu) e, após uma reforma em seu interior, transformou-o na sede do Museu Educativo Gama d'Eça.

Figura 2 — Gestão institucional do Museu Educativo Gama d'Eça



Fonte: Universidade Federal de Santa Maria.

Fundado em 1968 com o objetivo de preservar a memória e a cultura local, o museu recebeu seu nome como forma de homenagear José Maria da Gama D'Eça (Armação de Alagoinha, 15 de setembro de 1793 — Santa Maria, 28 de dezembro de 1872), um militar brasileiro. José assentou praça no regimento comandado por seu pai, como cadete, com 5 anos de idade, aos 15 anos participou da Primeira campanha cisplatina, como tenente. Com 17 anos assumiu o comando da Companhia de Granadeiros como coronel de Milícias, operando nas Missões. Mudou-se para Santa Maria, por ordem do visconde de Castro, para aqui estabelecer seu Quartel General, tendo ao seu comando 80 soldados em 1822. Foi eleito suplente a deputado provincial na 1ª Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul, em 1835. Participou do lado legalista, da Revolução Farroupilha, tendo, em 1839, seguido para Laguna a fim de combater os rebeldes da República Juliana. Por serviços prestados nas campanhas da Argentina e do Paraguai foi “agraciado” pelo Imperador D. Pedro II com o título de Barão de Saicã em 28 de agosto de 1866.

O discurso sobre figuras como José Maria da Gama D'Eça em contextos museológicos evidencia uma persistente reafirmação patriarcal e hierárquica de gênero. A exaltação de realizações militares — lembrando que é essencial reconhecer e contestar a exaltação acrítica de figuras masculinas e militarizadas —, a associação entre honrarias e ações militares, como no título de Barão de Saicã, contribuem para perpetuar a "masculinização" da coragem e do poder, desconsiderando as inúmeras maneiras em que mulheres influenciaram e moldaram a trajetória histórica.

O Museu Educativo Gama D'Eça está localizado na primeira rua da cidade, a Rua do Acampamento, no centro histórico da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Vale ressaltar que, em consonância com os esforços visando aprimorar a atuação do Museu Educativo Gama d'Eça, insere-se o projeto do Distrito Criativo, oficializado em abril de 2022, "fruto de um movimento que envolveu uma construção coletiva de agentes, instituições e da comunidade" (LISBÔA FILHO et al., 2023, p. 4), uma iniciativa que emerge como um potente catalisador para a revitalização e dinamização do Centro-Gare, por meio de iniciativas relacionadas à indústria criativa. Esta colaboração estratégica entre a UFSM, a Prefeitura e diversos parceiros assume uma relevância ímpar ao englobar o museu dentro do perímetro do Distrito Criativo. Esta abordagem oferece a perspectiva de fortalecer a infraestrutura museal, abrindo novos horizontes para a modernização das práticas e experiências expositivas. Além disso, a integração do Museu Educativo Gama d'Eça no contexto mais amplo do Distrito Criativo reforça a sua função como um elemento chave na promoção do diálogo entre a cultura, a economia e a comunidade, alinhando-se ao objetivo de uma atuação cultural que transcenda as paredes institucionais e se conecte de maneira mais orgânica e influente com o contexto urbano e social em constante evolução.

O Museu Gama d'Eça é um importante patrimônio histórico e cultural da cidade e abriga um relevante acervo, incluindo documentos históricos, peças de arte e objetos de interesse cultural. Além de seu valor histórico, o museu também oferece ao público a oportunidade de conhecer e desfrutar da cultura e da história da região. O museu conta com diversas exposições, oficinas, palestras, cursos e atividades educativas, que estão também explicitadas no Artigo 44 da Resolução n. 016/2020, de 23/06/2020, onde se encontra que "o Museu Gama d'Eça possui exposições permanentes, temporárias e itinerantes. Sendo suas competências: I - desenvolver projetos educacionais e promover seminários, palestras, cursos e visitas mediadas; e, II - preservar, catalogar, ampliar e recuperar o seu acervo permanente" (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2020). Todas estas atividades ajudam os visitantes a compreenderem melhor o contexto histórico em que o Museu está inserido.

No entanto, é importante notar que, apesar do louvável esforço, o Museu Educativo Gama d'Eça poderia direcionar uma atenção mais ativa à revitalização do prédio, modernização de sua infraestrutura e ao emprego de novas tecnologias. Pois o contexto em que estamos inseridos demanda uma interação mais fluida entre as

narrativas históricas e as ferramentas digitais, cujo potencial para enriquecer a experiência do visitante é vasto e diversificado. Ademais, a busca por uma expografia que vá além do tradicionalismo pode contribuir para uma fruição mais dinâmica e envolvente das exposições, estabelecendo conexões mais acessíveis com diferentes faixas etárias e grupos sociais. Portanto, uma estratégia de aprimoramento da infraestrutura, aliada à incorporação sensata de tecnologias e à revitalização da expografia, emergiria como uma direção auspiciosa para o museu, potencializando sua capacidade de oferecer uma relevante experiência educacional e cultural.

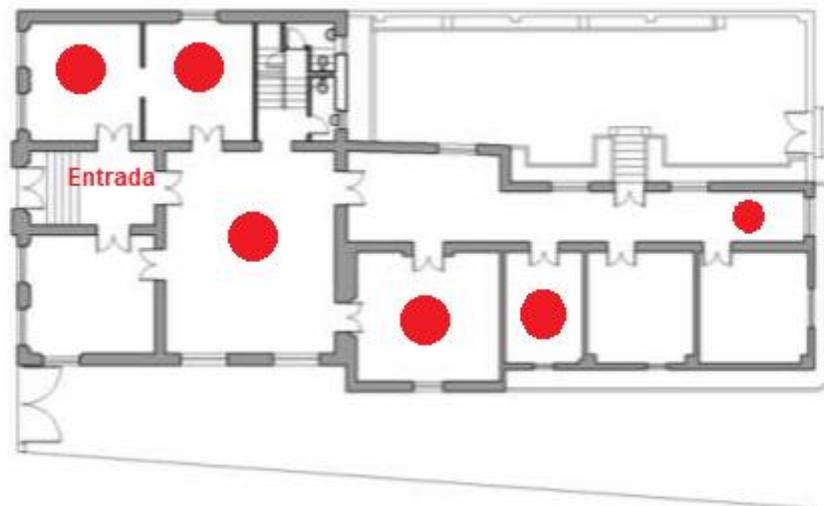
Ao visitar o Museu Gama d'Eça, os turistas e residentes locais têm acesso ao material histórico principalmente (mas não só) vinculado ao fundador e idealizador da Universidade Federal de Santa Maria, José Mariano da Rocha Filho, considerado por muitos uma das mais importantes figuras da história cultural da cidade. Além disso, o museu conta com um completo acervo de objetos, livros, documentos e outros artigos enviados por familiares, amigos ou, simplesmente, guardados ao longo da existência do museu. O acervo do Museu Victor Bersani foi transferido para a UFSM através de Termo de Doação datado de 10 de dezembro de 1981. Na época, o Museu Educativo Gama d'Eça estava instalado no Campus, e não possuía o espaço físico necessário para receber a coleção do Museu Victor Bersani. Assim, o Museu Victor Bersani permaneceu funcionando junto ao prédio da Sociedade União dos Caixeiros Viajantes - SUCV, mas gerido por funcionários do Gama d'Eça. Somente em 10 de dezembro de 1985, após a reforma do antigo Palacete do Dr. Astrogildo César de Azevedo (Rua do Acampamento nº 81), é que os dois acervos passam a ocupar o mesmo local.

2.1 O ACERVO DO MUSEU E SEUS DISCURSOS EMANENTES

O Museu Gama d'Eça em Santa Maria é uma instituição museológica dotada de uma vasta coleção de artefatos, e é conhecida na cidade pela riqueza histórica de suas exposições. No entanto, ao analisar o museu mais profundamente, torna-se evidente que sua estrutura e abordagem histórica refletem uma perspectiva tradicional, ou seja, patriarcal, deixando de destacar a história das mulheres. Nesta análise, exploraremos essa questão, examinando como o museu contribui, mesmo que de forma não desejada, nem deliberada, para perpetuar a desigualdade de gênero e como isso impacta a narrativa histórica apresentada aos visitantes.

Na imagem a seguir, é possível observar a planta baixa do museu. O destaque em vermelho faz referência às salas e locais que foram visitados para coleta de dados, fornecendo um mapeamento detalhado das áreas exploradas durante o processo de pesquisa. Ao identificar essas áreas específicas, é possível estabelecer conexões entre os dados coletados e sua localização espacial, possibilitando uma análise contextualizada e uma melhor compreensão do espaço do museu. Ao realizar a visita, não foi considerado o segundo andar do museu devido ao espaço abrigar a exposição sobre zoologia e paleontologia.

Figura 3 — Planta baixa do Museu Gama d'Eça



Fonte: (BLAYA, 2017, p. 54)

A entrada do museu é marcada por duas placas de entrada, onde constam suas informações institucionais.

Figura 4 — Placas de entrada do Museu Educativo Gama d'Eça



Fonte: SOUZA, Jessica. Placas de entrada do Museu Educativo Gama d'Eça. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

Ao observar a primeira placa (esquerda) datada do ano de 1985, identifica-se o cargo de diretora do museu, ocupado pela Professora Maria Zulmira Dias Mariano da Rocha. Maria nasceu no dia 24 de setembro de 1918, na cidade de Caçapava do Sul. Aos 9 anos de idade, Maria partiu para Bagé, junto com seus pais Manuela Velho Dias e Patrício Dias Ferreira.

Durante sua trajetória acadêmica, Maria Zulmira participou do grêmio estudantil, praticou tênis e teve aulas de latim, grego, pintura e poesia. Maria foi a idealizadora do Museu Educativo Gama D'Eça, iniciou a organização do Planetário da Universidade Federal de Santa Maria, além de liderar o movimento para criação da creche da UFSM, primeira creche planejada de uma universidade brasileira.

Maria Zulmira casou-se aos 18 anos com José Mariano da Rocha e juntos tiveram 12 filhos. Foi uma mulher culta, à frente do seu tempo, que construiu a Universidade e seus espaços culturais em conjunto com seu marido. Mas a história talvez não a apresente assim e reproduza os próprios estereótipos de gênero da época. Seu histórico está disponível no Acervo Arquivístico da Universidade Federal de Santa Maria (2011), onde consta parte de sua trajetória. Considero interessante trazer a seguinte passagem:

A aspiração de cursar medicina é interrompida pelo casamento, em 1938, quando vem morar em Santa Maria. A partir desse ano, Maria Zulmira concilia as atividades de mãe, esposa, e parceira de José

Mariano, ao fazer o clipping das notícias e organizar as repercussões do movimento pela interiorização do ensino superior na mídia, além de encarregar-se da correspondência e datilografar textos e discursos para o marido. (ACERVO ARQUIVÍSTICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2011).

Essa frase não traz nenhuma problematização dos papéis de gênero da época e não busca enaltecer o papel que Maria Zulmira teve. Ao contrário, aponta a perpetuação do desequilíbrio entre os gêneros. Maria Zulmira é apresentada como alguém que precisa conciliar múltiplos papéis e que está à sombra do marido, que auxilia o marido. Esse discurso reflete uma concepção tradicional de gênero, e reforça ideias problemáticas, como a interrupção dos objetivos e ambições profissionais das mulheres em função do casamento, a sobrecarga de responsabilidades atribuídas às mulheres e a subordinação de seu trabalho em relação ao trabalho masculino. Nada disso é problematizado no discurso no Museu.

Maria Zulmira Dias Mariano da Rocha foi uma mulher notável que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da comunidade de Santa Maria. No entanto, não há no museu qualquer menção ou representação de sua vida, além do casamento e da maternidade. Essa análise é crítica, mas também, mostra um grande potencial a ser desenvolvido pelo museu, resgatando e valorizando a história dessa mulher notável.

Figura 5 — Quadro de casamento de José Mariano e Maria Zulmira



Fonte: SOUZA, Jessica. Quadro de casamento de José Mariano e Maria Zulmira. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

A constatação da ausência de fotografias de mulheres e da própria Maria Zulmira em situações individuais no acervo exposto levanta importantes reflexões sobre os discursos históricos de gênero dentro desse contexto. A inexistência aparente dessas imagens não apenas suscita questionamentos sobre os critérios de seleção curatorial e a prática da coleção, mas também aponta para a possibilidade de marginalização das histórias e contribuições das mulheres. É notável que, quando presentes, as fotografias frequentemente retratam mulheres em papéis secundários, seja em contextos de matrimônio ou associadas à maternidade. Esse enfoque seletivo perpetua os discursos limitados das experiências de mulheres e as relega a papéis estereotipados, negligenciando sua presença e influência em outras esferas da sociedade.

Uma análise mais minuciosa do acervo na reserva técnica seria necessária para poder revelar uma gama mais ampla de textos que retratam mulheres em situações e posições de destaque. Adotar outro discurso sobre mulheres nos museus contribui para uma compreensão mais abrangente e justa da história, ao fazer (ou não

fazer) isso, o museu se posiciona como um agente de mudança (ou de perpetuação), contribuindo para a desconstrução (ou reforço) de estereótipos baseados em gênero.

Figura 6 — Fotografias de José Mariano e Maria Zulmira



Fonte: SOUZA, Jessica. Fotografias de José Mariano e Maria Zulmira. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

Ao observar a segunda placa (direita), datada do ano de 1998, identifica-se o cargo de diretora do museu, ocupado por Maria Izabel Mariano da Rocha Duarte. Maria Izabel é uma das filhas de Maria Zulmira e José Mariano.

Ainda na entrada, existe um quadro com a foto do Dr. Astrogildo Cesar de Azevedo (Imagem 2), com uma breve descrição da sua história (Imagem 3), evidenciando aos visitantes que adentram o local a importância do trabalho realizado pelo mesmo e sua contribuição para a comunidade. Ao lado, uma placa da A.A.M.E - Associação dos Amigos do Museu Educativo Gama d'Eça, associação da qual Maria Zulmira era presidente. Não há outros quadros no hall de entrada.

Figura 7 — Quadro do Dr. Astrogildo Cesar de Azevedo



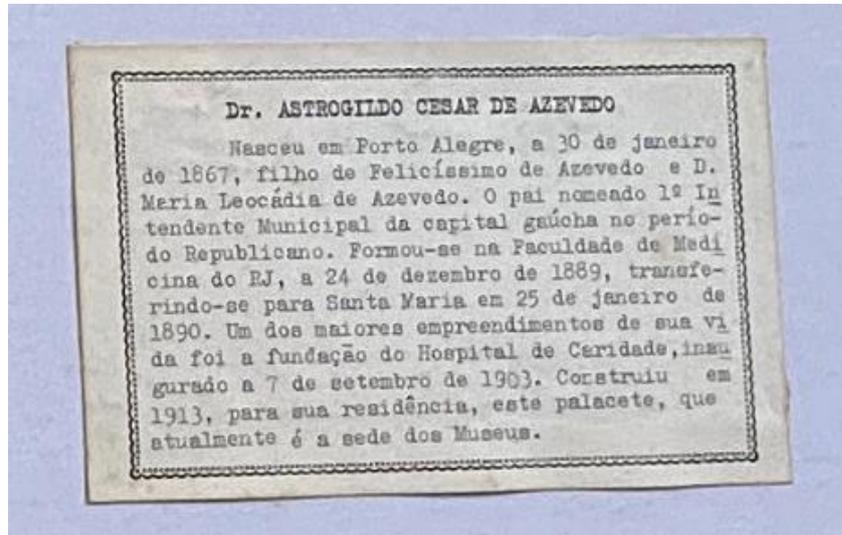
Fonte: SOUZA, Jessica. Placa A.A.M.E e quadro do Dr. Astrogildo. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

A situação precária e o aparente descaso com o Museu Educativo Gama D'Eça, refletido na deterioração das instalações, como paredes sem pintura, falta de sinalização, e etc., é um reflexo alarmante das dificuldades enfrentadas pela instituição em decorrência das limitações orçamentárias e das contingências financeiras experimentadas nos últimos anos de (des)governo. O projeto de desmonte da educação - cenário de escassez de recursos, frequentemente associado às incertezas econômicas e políticas do período -, inevitavelmente compromete a capacidade das universidades em manter e preservar adequadamente seu patrimônio cultural e educacional.

Além de comprometer a infraestrutura, a falta de recursos também gera impacto no investimento em profissionais qualificados, na manutenção de acervos e na realização de exposições e atividades educativas. A ausência de investimento adequado na preservação do(s) museu(s) não somente atinge o patrimônio material, mas também prejudica a capacidade da universidade (e instituições em geral) de cumprir seu papel de disseminação de conhecimento, promoção da cultura e interação com a comunidade (ensino, pesquisa e extensão). É sabido que a educação e a cultura são fatores cruciais para o desenvolvimento social e intelectual, e é preocupante observar como a insuficiência de recursos levou diversas instituições a

um estado crítico, devido a negligência em relação a importantes espaços culturais e educacionais.

Figura 8 — Quadro do Dr. Astrogildo Cesar de Azevedo



Fonte: SOUZA, Jessica. Descrição do quadro do Dr. Astrogildo. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

A entrada do museu em si já reflete uma estética tradicionalmente associada ao poder masculino. Nota-se a ausência de outros quadros, com outras histórias. Ao longo da exposição, essa dinâmica se repete.

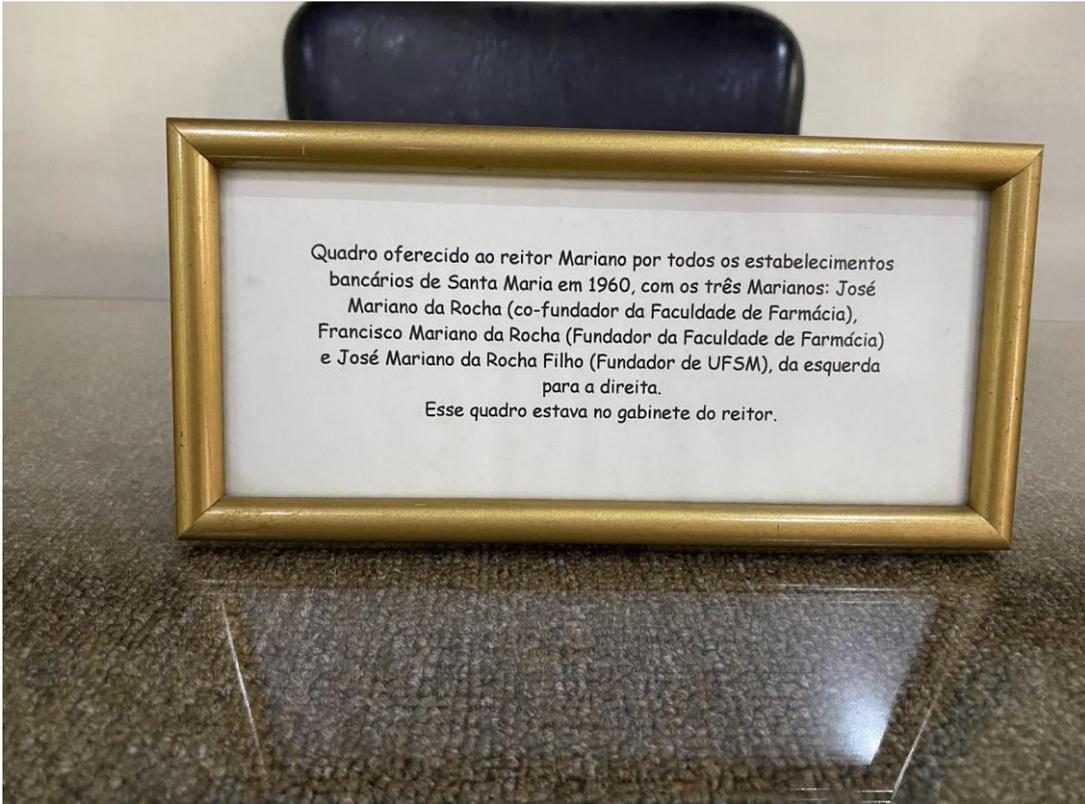
Figura 9 — Quadro dos três Marianos: José Mariano da Rocha, Francisco Mariano da Rocha e José Mariano da Rocha Filho



Fonte: SOUZA, Jessica. Quadro “Os três Marianos”. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D’Eça.

Durante a visita para observação do acervo, torna-se evidente que o reconhecimento através de homenagens no acervo é direcionado majoritariamente para as figuras masculinas, como a maioria dos museus, como demonstra a bibliografia (PERROT, 1989; RECHENA, 2011; VAQUINHAS, 2014; SANTOS, 2017; GOMES & VASCONCELOS, 2016; GOMES, 2019; BRULON, 2019; GODOY & LUNA, 2020; MARCONDES, 2023).

Figura 10 — Placa de descrição do Quadro dos três Marianos



Fonte: SOUZA, Jessica. Placa descritiva do quadro “Os três Marianos”. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D’Eça.

A linguagem desempenha um papel fundamental na construção e manutenção das relações de poder. A utilização de pronomes masculinos geralmente está associada a cargos e posições hierárquicas de poder/prestígio. Se referir a cargos como “O reitor”, “O doutor” reforçam a dinâmica do poder patriarcal que exclui e desvaloriza as mulheres. Não ironicamente, apenas em 2022 uma mulher, Martha Bohrer Adaime, “pôde” ocupar um cargo na Reitoria da UFSM, como vice-reitora.

No museu está exposto um quadro de bacharelados, do ano de 1931, que revela a ausência e exclusão das mulheres naquele período. Ao todo, são 50 homens no quadro, 47 deles os bacharelados, reflexo de uma sociedade patriarcal e sexista da época, onde o acesso das mulheres à educação superior era limitado e/ou negado.

Figura 11 — Capelo exposto ao lado da placa de descrição



Fonte: MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA. [Capelo]. [Santa Maria]: Acervo do Museu Educativo Gama D'Eça. 1 capelo.

Figura 12 — Quadro de bacharelados de 1931



Fonte: SOUZA, Jessica. Quadro de bacharelados de 1931. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

O quadro acima levanta questões sobre o acesso à educação e as barreiras que as mulheres enfrentam para ingressar em campos tradicionalmente dominados por homens, como é o caso das universidades.

Por outro lado, há o quadro da primeira turma da Faculdade de Farmácia de Santa Maria, do ano de 1934. Nele identificamos 07 alunos, dentre eles 06 mulheres: Alice Grillo; Agueda Pires da Rocha; Celeste Mariano da Rocha; Ely da Costa Maya; Maria Isabel Mello; e Nair Beltrão. Todos os professores são homens.



Fonte: SOUZA, Jessica. Quadro da primeira turma da Faculdade de Farmácia de Santa Maria, 1934. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

Na época, era comum que os colégios fossem “internos” - instituições segregadoras e criadas com base em pressupostos sexistas - e separados por sexo, prática enraizada que contribuiu grandemente para a perpetuação de estereótipos de gênero. Mesmo assim, José Mariano da Rocha Filho teve o “privilégio” de estudar em um colégio exclusivamente para meninas.

Em contraste, há uma única mulher no baile de formatura da turma de medicina em que José Mariano da Rocha Filho se formou em 1937. Também não há (pelo menos no acervo exposto) informações no museu sobre essa mulher.

Figura 14 — José Mariano da Rocha Filho em 1922, interno no colégio Sant’Anna



*Seis dos sete filhos de José Mariano da Rocha
e Maria Elza (Oym). Da esquerda para
a direita: José Augusto, Rosário, Elza,
Maria Leal, Ana, Quina e Mariano Fran-
quim.*



*José Mariano da Rocha Filho em 1922,
interno no Colégio Sant'Anna.*

Fonte: SOUZA, Jessica. José Mariano da Rocha Filho em 1922, interno no colégio Sant'Anna. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

Figura 15 — Baile de formatura da Medicina em 17 de dezembro de 1937



Fonte: SOUZA, Jessica. Baile de formatura da Medicina em 17 de dezembro de 1937. 2023. 1 fotografia. Foto do acervo do Museu Educativo Gama D'Eça.

A história tem sido frequentemente contada de uma perspectiva patriarcal, deixando de lado as experiências e contribuições das mulheres. Os registros privilegiam os feitos e as perspectivas masculinas, silenciando as mulheres e perpetuando a ideia de que suas experiências não são relevantes ou dignas de serem lembradas, diminuindo sua importância. O museu enquanto espaço que se propõe a preservar a história e memória, deve trabalhar para uma construção equilibrada da

narrativa histórica, reconhecer a importância de outras contribuições e desafiar a estrutura racista, classista e patriarcal que marginaliza muitas pessoas.

É evidente a ausência de história e memória feminina no Museu Educativo Gama d'Eça. Mesmo na visita guiada pelo profissional, não há qualquer menção sobre a história ou contribuição de mulheres. É fundamental que os museus reflitam a diversidade da sociedade em que estão inseridos, e isso inclui a inclusão de histórias e contribuições de mulheres, pessoas negras, indígenas, entre outros grupos minorizados. Ao negligenciar essas histórias, o museu falha em seu papel de preservar e apresentar uma narrativa abrangente e representativa da região.

É importante ressaltar que essa análise não deve ser vista como uma crítica direta ao museu, tampouco a UFSM, mas sim como um olhar crítico para a história e para as estruturas sociais e institucionais que moldaram e moldam nossa realidade. No contexto de promover uma transformação significativa, a universidade, articulando em parceria com a comunidade e grupos como o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABI/UFSM, o Programa de Extensão GIDH Gênero, Interseccionalidade e Direitos Humanos, Casa Verônica, entre outros, pode desempenhar um papel crucial na abordagem dessa lacuna. Através de projetos de pesquisa e extensão cuidadosamente planejados, é possível empreender iniciativas que resgatem as histórias de grupos proeminentes na região, enriquecendo assim o acervo do museu.

A colaboração entre a universidade, os grupos e a comunidade podem resultar em programas educacionais inovadores, como exposições temáticas colaborativas, oficinas de pesquisa e curadoria, rodas de compartilhamento de histórias, integração com cursos da universidade, mapeamento e sinalização interpretativa, varal de histórias/fotografias elaborados pela comunidade, abrigar eventos e festivais, desenvolver plataformas digitais interativas, fomentar palestras, oficinas e cursos de capacitação, participar da primavera dos museus e outras ações públicas, etc., ações que não apenas visem corrigir o desequilíbrio histórico, mas também empoderem os visitantes.

Assim, essa análise emerge como um ponto de partida para a cocriação de ações tangíveis que reconheçam a importância da diversidade na construção do conhecimento histórico. Acreditamos na colaboração entre universidade, museu e comunidade, e juntos podemos inaugurar uma nova fase na qual o Museu Educativo Gama d'Eça não somente celebre a pluralidade da cidade, mas também contribua

para a desconstrução de barreiras históricas e sociais que perpetuam a invisibilidade de mulheres e de outros grupos.

2.2 O PÚBLICO, O DISCURSO SOBRE AS MULHERES E OS CARGOS DO MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA, ATRAVÉS DO OLHAR DA EQUIPE

Para entender um pouco mais da perspectiva do Museu Educativo Gama d'Eça, foi aplicado um questionário via *Google Forms*, onde a equipe respondeu a 13 perguntas que posteriormente foram analisadas. A pesquisa se concentrou nas três áreas principais, que são os objetivos específicos dessa pesquisa: o público dos museus; o discurso apresentado sobre as mulheres na narrativa e na exposição dos museus; e as distribuições dos cargos nos museus.

Em consonância com os objetivos da presente pesquisa, foi realizada uma pergunta com o intuito de identificar o respondente do questionário utilizado como instrumento de coleta de dados. Inicialmente, buscou-se obter informações acerca da autoria das respostas, a fim de compreender se estas refletiam a visão individual de um único membro da equipe ou se resultaram de um esforço colaborativo.

O resultado obtido revelou que o questionário foi respondido coletivamente pela equipe³. Diante dessa constatação, optou-se por desconsiderar a identificação do cargo ou função ocupada pelos respondentes, uma vez que o questionário foi respondido como um todo pela equipe, o que confere aos resultados um caráter coletivo e representativo da equipe do museu como um todo.

A primeira questão exploratória deste estudo procurou obter informações sobre o público do museu, especificamente, indagando à equipe sobre qual segmento da população é considerado como o principal público. A resposta fornecida pela equipe revelou que adolescentes e crianças compõem o grupo predominante frequentador do museu. Essa resposta muito se justifica pelo envolvimento das instituições educacionais da cidade, que promovem constantemente passeios e visitas ao Museu,

3 A presente lista apresenta os membros que compõem a equipe atual do Museu: Bernardo Duque de Paula, Diretor e Museólogo; Felipe Barchet Steffene, Assistente Administrativo; Idalina Cavalheiro Rodrigues, Auxiliar de Limpeza; Geovana Luisa da Silva, Bolsista em Gestão de Turismo; Karine Vaz Pilla, Bolsista em Arquivologia; Rafaela Brocardo Rodríguez Milán, Bolsista em Desenho Industrial; Sariane Farias, Bolsista em Ciências Biológicas; Fernando Souto Dias Neto, Voluntário e Doutorando em História; Lucas Dias Rembold, Voluntário e acadêmico de História.

demonstrando interesse na promoção da educação patrimonial e na ampliação do conhecimento cultural entre as crianças e os jovens.

Ao reconhecer esses grupos como principal público-alvo, o museu pode direcionar seus esforços para desenvolver ações adaptadas às necessidades e interesses desses visitantes. Além disso, é essencial considerar a faixa etária ao projetar os recursos educacionais, garantindo que sejam acessíveis e estimulantes para o público.

A segunda questão visou investigar o grau de importância atribuído pela equipe à presença de um museu engajado em questões de gênero. Constatou-se que, segundo a percepção da equipe, o comprometimento com tais questões apresenta um nível de importância moderado.

A terceira questão deste estudo buscou explorar a percepção da equipe acerca da representação adequada da participação das mulheres na história por parte do museu. Os resultados revelaram que a equipe expressou uma opinião negativa, indicando que, na perspectiva dos participantes, o museu não retrata de maneira suficiente a relevância e contribuição das mulheres ao longo da história. Essa resposta evidencia uma lacuna na representação de gênero no contexto museológico em estudo, sugerindo a necessidade de esforços adicionais para promover uma abordagem mais inclusiva e equitativa na apresentação da história, de modo a reconhecer e valorizar adequadamente o papel das mulheres na sociedade.

A equipe do Museu Educativo Gama d'Eça se demonstrou receptiva e reafirmou, durante a visita, seu comprometimento em acolher propostas e sugestões. Essa atitude atesta a disposição da equipe em enriquecer sua abordagem por meio da incorporação de outras perspectivas e da promoção de diálogos colaborativos com a comunidade e a academia. A postura receptiva e acolhedora da equipe reforça a vontade do museu de se estabelecer como um espaço cultural ativamente envolvido na construção de conhecimento coletivo, e reflete um engajamento fundamental com as dinâmicas sociais contemporâneas e as aspirações de uma sociedade inclusiva e participativa.

As questões quatro e cinco desta pesquisa tiveram como objetivo explorar o nível de satisfação da equipe do museu em relação à representação das mulheres nas exposições, bem como em relação ao comprometimento do museu com discussões de gênero. A equipe expressou uma percepção de insatisfação em ambas as questões. Essa resposta indica que os participantes não estão satisfeitos com a

forma como as mulheres são representadas nas exposições do museu, bem como com o grau de comprometimento do museu em relação a discussões de gênero. Esses achados sugerem a existência de lacunas significativas na abordagem do museu em relação à inclusão e igualdade de gênero, o que pode afetar negativamente a experiência dos visitantes e o alcance dos objetivos educacionais e culturais da instituição.

A sexta questão teve como objetivo investigar a presença de conteúdos temáticos relacionados ao feminismo no museu em análise. Os resultados revelaram que, de acordo com a equipe, não existe a incorporação de tais conteúdos no museu. Essa resposta indica a ausência de abordagens explícitas sobre questões relacionadas ao feminismo nas exposições e iniciativas do museu, a causa pode ser em decorrência do tema ainda ser considerado um tabu em instituições consideradas mais “tradicionais”.

A sétima questão teve como objetivo investigar a existência de iniciativas promovidas pelo museu em prol da emancipação de mulheres no campo artístico ou sociocultural. Os resultados obtidos revelaram que, de acordo com a equipe, não existem tais iniciativas sendo realizadas pelo museu. Essa constatação evidencia a lacuna significativa na abordagem do museu em relação às questões de gênero, bem como a falta de um comprometimento ativo com a promoção da equidade e inclusão das mulheres. É essencial que o museu busque ampliar seu repertório e engaje-se em diálogos com a comunidade e com organizações que atuam em prol da emancipação das mulheres, a fim de implementar programas educacionais, exposições temáticas e outras iniciativas que promovam uma visão mais inclusiva e representativa da contribuição feminina na história e na sociedade. A ausência de uma oitava questão decorre da negativa anterior.

A nona questão desta pesquisa teve como objetivo investigar a existência de programas ou recursos especiais no museu direcionados exclusivamente para mulheres. Segundo a resposta fornecida pela equipe, não foram identificados programas ou recursos específicos direcionados às mulheres na instituição. A ausência de programas ou recursos exclusivos para mulheres limita as oportunidades de engajamento, aprendizado e participação das mulheres no contexto museológico. Essa falta de direcionamento específico pode contribuir para a exclusão e marginalização das vozes femininas, impedindo uma representação mais equitativa e diversificada das narrativas históricas e culturais.

A décima questão buscou investigar a percepção da equipe em relação ao destaque dado à importância da história, dos direitos e das contribuições das mulheres no museu. Conforme a resposta da equipe, foi constatado que a importância desses aspectos não é considerada devidamente destacada na instituição. A falta de destaque dado a esses aspectos pode resultar em uma narrativa histórica e cultural desequilibrada, na qual as vozes e experiências de diversos grupos não são representadas ou negligenciadas. A ausência de um reconhecimento adequado das contribuições das mulheres no museu pode reforçar desigualdades de gênero e perpetuar estereótipos e visões limitadas sobre o papel e o impacto das mulheres na sociedade. Além disso, pode afetar negativamente a experiência dos visitantes, especialmente das meninas e mulheres, pois não proporciona um ambiente inclusivo e representativo que reflete uma diversidade de histórias e realizações.

A décima primeira questão deste estudo buscou coletar informações sobre a representação de mulheres na equipe do museu. Na ocasião da pesquisa⁴, foram identificadas duas funcionárias (recepcionista⁵ e auxiliar de limpeza) e três bolsistas, totalizando um quadro de cinco mulheres trabalhando na instituição, de um total de nove funcionários. É sabido que a falta de diversidade de gênero nas equipes pode impactar a abordagem e perspectiva adotadas nas atividades do museu, bem como a representação e inclusão de vozes femininas em suas exposições e programas. Além disso, pode influenciar a dinâmica e o ambiente de trabalho, afetando a cultura organizacional e as oportunidades de desenvolvimento e crescimento profissional para as mulheres. No caso do Museu Educativo Gama D'êça, o quadro de funcionários reflete um equilíbrio de gênero.

A décima segunda questão visou investigar quais áreas dentro do museu são lideradas por mulheres, conforme a percepção da equipe. A resposta obtida revelou que, atualmente, apenas um cargo de liderança, especificamente o de direção, é ocupado por Bernardo Duque de Paula, servidor público e museólogo formado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2016) e mestre em

4 No contexto desta ocasião, lamentavelmente não foi possível fornecer detalhes específicos acerca dos cargos ocupados pelos membros da equipe mencionada. No entanto, os respectivos cargos e funções da equipe atual do museu podem ser encontrados na nota de rodapé anteriormente apresentada. Agradecemos a compreensão.

5 A recepcionista não se encontra mais no quadro de funcionários do museu.

Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2020). No entanto, a equipe justificou que essa situação era uma mudança recente, ocorrida em 2023, uma vez que, desde a criação do museu em 1968, esse cargo foi exercido por quatro mulheres: a primeira diretora do Museu foi Terezinha Isaia Paviane, designada pela Portaria nº 3225/68 de 23 de julho de 1968, dirigiu o Museu por cerca de um ano, até julho de 1969. A segunda diretora do Museu foi Maria Zulmira Dias Mariano Rocha, que dirigiu o Museu até 1988. A terceira diretora do Museu foi Laurenir Lucas da Silveira. E de 1998 até o início de janeiro de 2023, foi diretora do Museu Maria Izabel Mariano da Rocha Duarte.

A última questão teve como objetivo investigar a percepção da equipe em relação à ocupação de homens e mulheres em cargos de liderança no museu e se essa distribuição reflete um equilíbrio. Conforme a resposta fornecida pela equipe, foi relatado que sim, a ocupação de homens e mulheres em cargos de liderança é considerada equilibrada. Essa percepção da equipe sugere que, de acordo com sua avaliação, o museu alcançou um equilíbrio na representação de gênero em suas posições de liderança. O que pode ser considerado um indicativo positivo, pois a igualdade de oportunidades e a diversidade de gênero em cargos de liderança são elementos-chave para promover a inclusão e a representatividade em um ambiente de trabalho.

No entanto, também evidencia que a identificação e a orientação para a apreciação da história das mulheres não ocorrem de modo automático. Tais abordagens demandam a concepção e implementação de projetos direcionados, juntamente com a condução de estudos específicos acerca da temática de gênero, requerendo a atuação de profissionais habilitados nesta área. A mera presença de mulheres, embora crucial, não é suficiente; a expertise em estudos de gênero é indispensável. A representatividade tangível, manifesta através da ocupação de cargos e funções, ostenta sua significância, porém, por si só, não é adequadamente abarcadora da representação discursiva, simbólica e narrativa que é necessária.

Em conclusão, a análise realizada revela uma série de percepções e lacunas significativas relacionadas à representação, inclusão e equidade de gênero no museu em análise. As respostas obtidas da equipe forneceram uma visão abrangente sobre diversos aspectos, destacando a importância da abordagem de questões de gênero no contexto museológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos examinar os discursos sobre as mulheres das mulheres nos museus, com ênfase no Museu Educativo Gama d'Eça, localizado em Santa Maria, Rio Grande do Sul. O objetivo principal foi compreender o papel dos museus na promoção e construção de identidades sociais e culturais, especificamente para as mulheres, e analisar os discursos sobre as mulheres que emergem nas narrativas e na exposição dentro desses espaços.

Utilizou-se a abordagem metodológica que combinou observação direta, análise de discurso e a aplicação de um questionário para coletar dados sobre a representação das mulheres no Museu Gama D'Eça. Essa abordagem permitiu obter uma visão abrangente e detalhada da realidade vivenciada pelas mulheres nesse contexto específico.

Os resultados obtidos evidenciaram a importância das instituições museológicas na construção de identidades individuais e coletivas, e a necessidade de se adotar uma abordagem mais inclusiva e equitativa no que diz respeito à representação de diversos grupos sociais. Infelizmente, foi constatado que a estrutura e abordagem histórica do Museu Educativa Gama D'Eça refletem uma perspectiva patriarcal, deixando de destacar a história das mulheres (e outros grupos minorizados), mesmo as envolvidas diretamente na institucionalização do museu.

Foi observado que, mesmo com os avanços significativos alcançados nas últimas décadas em relação à equidade de gênero, ainda persistem estereótipos e desigualdades estruturais em espaços consagrados de memória. Os discursos sobre mulheres nos museus são desproporcionais, estereotipados e, frequentemente relegados a posições secundárias. A falta de uma representação justa das mulheres compromete a capacidade dos museus em transmitir outras versões mais abrangentes da história.

Reforça-se a importância de abordar as discussões de gênero dentro dos espaços culturais e de memória. É fundamental que os museus sejam locais onde as mulheres possam se sentir representadas, valorizadas e empoderadas. Diante disso, recomenda-se que os museus adotem medidas concretas para promover a representatividade e a inclusão de gênero. É necessário repensar as exposições existentes, dando destaque à participação das mulheres em diferentes aspectos da sociedade, bem como incentivar a participação feminina na curadoria e gestão dos

museus. Além disso, é fundamental desenvolver programas educativos que abordem questões de gênero de forma inclusiva, buscando desconstruir estereótipos e desigualdades históricas.

No caso específico do Museu Gama D'Eça, é essencial que a instituição revise sua abordagem histórica e estrutural, de modo a superar a perspectiva patriarcal e garantir que a história das mulheres e outros grupos minorizados sejam devidamente representados. É necessário que o comprometimento da equipe do museu com questões de gênero seja fortalecido, levando em consideração a insatisfação demonstrada em relação à representação atual.

Em síntese, o potencial inerente à articulação colaborativa entre a universidade, a comunidade e o Museu Educativo Gama d'Eça reflete a capacidade de reconfigurar as bases museológicas de forma substancial. A incorporação de novas propostas, formações interdisciplinares e sugestões provenientes de múltiplas perspectivas engendra uma abertura para a emergência de novas narrativas historicamente negligenciadas, capazes de desvelar contribuições e experiências até então relegadas à “periferia” do discurso museal.

Além disso, esse encontro dinâmico entre conhecimento acadêmico e saberes comunitários se consolida como uma promissora oportunidade para atrair outros públicos, fomentando uma participação ativa e diversificada. O estímulo à inclusão de histórias de mulheres, pessoas negras, indígenas e outras comunidades expande as fronteiras da representatividade e da sensibilidade cultural, enriquecendo a interpretação do passado e do presente, conferindo maior relevância à interseção entre patrimônio e sociedade.

Nesse âmbito, a conjugação dessas abordagens oferece um potencial inestimável para redefinir os horizontes da museologia, ampliando a compreensão coletiva da história, da identidade e da cultura, e sinalizando um compromisso renovado com a construção de um ambiente um pouco mais acolhedor, inclusivo e igualitário de aprendizado cultural.

Dessa forma, conclui-se que os discursos sobre mulheres nos museus, incluindo o Museu Educativo Gama D'Eça, é um tema de extrema relevância e urgência. Através deste estudo, foi possível constatar a persistência de estereótipos, desigualdades estruturais e a falta de uma representação justa das mulheres na história e nas narrativas apresentadas no museu. Da mesma forma, entende-se que muitos museus são estruturas organizacionais complexas, de longa data e muitas com

estruturas departamentais dentro delas, e essa complexidade dificulta a necessidade de assumir novas ideias, métodos e interpretações.

Por fim, este estudo destaca a importância de abordar discussões de gênero dentro dos espaços culturais e de memória em geral. A representação justa das mulheres nos museus é fundamental para promover a valorização, o empoderamento e a inclusão das mulheres na sociedade. Espera-se que as considerações apresentadas neste trabalho despertem a conscientização sobre essa questão e estimulem futuras pesquisas e projetos nessa área, contribuindo para a transformação e melhoria dos museus como agentes de mudança social.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, 2016, p. 115-128.
- BLAYA, Maria Deboni. Proteção, prevenção e combate a incêndios aplicados em museus: um guia para o Museu Educativo Gama D'Eça e Victor Bersani. 2017. 113 f. **Dissertação (Mestrado)** - Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/13912>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**, Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto, Art. 216. Brasília: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://constituicao.stf.jus.br/dispositivo/cf-88-parte-1-titulo-8-capitulo-3-secao-2-artigo-216>. Acesso em: 9 ago. 2023.
- BRULON, Bruno. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 55, p. 2-28, 2019.
- CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação In: CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Fim de milênio**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, v. 3, 1999. Título original: End of Millennium.
- CHAGAS, Mario. **Casas e portas da memória e do patrimônio**. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 207-224, jul./dez. 2007.
- CHAGAS, Mario. **Memória e poder**: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 19, v.19, jun. 2002.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. Entre a casa e a rua: memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 117-142, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1765>. Acesso em: 07 jun. 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GODOY, Karla Estelita; LUNA, Sarah Borges. Museus, musas e mulheres: reinterpretação de acervos como potência transformadora para a diversidade. **Revista Museu** [Online], Rio de Janeiro, 2020.
- GOMES, Mariana Selister. Dos Museus dos Descobrimentos às Exposições do Império: o corpo colonial em Portugal. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, p. 1-15, dez. 2019.

GOMES, Mariana Selister; VASCONCELOS, Cyndiane Escarlete Dias. Os excluídos da história: mulheres, negros e indígenas nos museus de São Cristóvão/SE. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 1., 2016, São Cristóvão, SE. **Anais [...]**. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2016. p. 752-764.

GOMES, Selister Mariana; SANTOS, Carlos Moisés; VASCONCELOS, Cyndiane; ARAGÃO, Hevida; BRITTO, Sabrina; ANDRADE, Talita. Turismo Cultural, Educação Patrimonial e Cidadania: Uma Experiência entre Universidade, Escola e Museu Em Sergipe. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 7, n. 3, p. 459-470, jul-set, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Revista dos Tribunais Ltda/Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HENRIQUES, Mariana. **Ranking 2023 aponta a UFSM como a 13ª melhor instituição de ensino superior do país**. PROGRAD - UFSM, dez. 2022. Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prograd/2022/12/11/ranking-2023-aponta-a-ufsm-como-a-13a-melhor-instituicao-de-ensino-superior-do-pais>. Acesso em: 10 ago. 2023.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **ICOM Code of ETHICS for Museums**. Paris, 2017. Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/ICOM-code-En-web.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. **Museum definition**. Paris, 2007-2021. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de "histórias femininas, memórias e experiências". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 8/9, p. 343-354, 2011.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019. Tradução Luiza Sellera.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira *et al.* **UFSM no Distrito Criativo [recurso eletrônico]**. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/28987>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MARCONDES, dos Santos Guilherme. Derrubar para Edificar: presenças e ausências raciais e de gênero no Museu de Arte Contemporânea do Ceará. **Sociologias**, [S. l.], v. 25, n. 62, 2023. DOI: 10.1590/18070337-124311. Disponível

em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/124311>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014. 164 p.

MONTEIRO, Elaine; ABREU, Martha Campos. Patrimônio Imaterial e afirmação negra: a política dos encontros para uma educação antirracista*. **Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural**, Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 60-88, jul-dez 2020.

MUSEU EDUCATIVO GAMA D'EÇA. **Página Inicial**. Disponível em <https://www.ufsm.br/museu-gama-deca>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista de História Brasileira**, São Paulo, v. 18, A Mulher e o Espaço Público, p. 17, ago./set. 1989.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 3, 1989.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A doação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.

RECHENA, Aida Maria Dionísio. Sociomuseologia e gênero: imagens da mulher em exposições de museus portugueses. **Tese de Doutorado**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011.

RIVARD, Rene. Nueva museología y transformación social. **In: Memoria del Seminario Territorio-Patrimonio-Comunidad**, Oaxtepec, Morelos, 1984.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea: Estudos Neolatinos**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 305-322, dez. 2005.

SANDELL, Richard. **Museums, Society and Inequality**. London: Routledge. 2002.

SANTOS, Suzy da Silva. Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas. **Dissertação (Mestrado)**. Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia, Universidade São Paulo, São Paulo, 2017.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? In: COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília M. B. (Org.). *Feminismo, ciência e tecnologia*. Salvador: REDOR, 2002, p.89-120.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528 p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TEIXEIRA, Sidélia. Nova Museologia. **Revista Cadernos do CEOM**, [S.L.], v. 35, n. 56, p. 87-97, 6 jun. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22562/2022.56.07>. Acesso em: 07 jun. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Conselho Universitário. **Resolução nº 016/2020, de 29 de abril de 2019**. Estabelece a nova estrutura organizacional da Pró-Reitoria de Extensão (PRE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), suas competências e atribuições e altera o Regimento Geral da UFSM. Santa Maria: Conselho Universitário, 2020.

VAQUINHAS, Irene. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. **MIDAS** [Online], 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/603>. Acesso em: 09 fev. 2022.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **Museus, mulheres e educação patrimonial: percursos e aprendizagens**. Campo Grande: UFMS, 2023. 168 p. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5704>. Acesso em: 30 abr. 2023.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO ENVIADO PARA A INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA

A MEMÓRIA FEMININA NOS MUSEUS DE SANTA MARIA/RS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Este formulário de perguntas tem como objetivo investigar a memória feminina nos museus de Santa Maria/RS no início do século XXI.

A pesquisa está vinculada ao curso de Pós-Graduação Especialização em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria e será realizada pela aluna Jessica Tavares e orientada pela Prof^a Dr^a Mariana Selister. Os museus respondentes serão o Museu de Arte de Santa Maria e o Museu Gama D'Eça.

A pesquisa se concentra em três áreas principais: o público dos museus; a representação das mulheres na narrativa e na exposição dos museus; e as distribuições dos cargos nos museus.

Nome da instituição?

Respondente?

Cargo do respondente?

1. Qual o principal público do museu?

- Adultos
- Adolescentes
- Crianças
- Não sabe informar

2. com questões de gênero?

- Muito importante
- Importante
- Moderado
- Às vezes é importante
- Não é importante

3. Em sua opinião, o museu retrata suficientemente a participação das mulheres na história/arte?

- Sim
- Não

4. Como a equipe do museu se sente em relação à representação das mulheres nas exposições?

- Muito satisfeita
- Satisfeita
- Indiferente
- Insatisfeita
- Muito insatisfeita

5. Quão satisfeita a equipe está com o nível de comprometimento do museu em relação às discussões de gênero?

- Muito satisfeita
- Satisfeita
- Indiferente
- Insatisfeita
- Muito insatisfeita

6. Existe algum conteúdo temático que aborda questões relacionadas ao feminismo no museu?

- Sim
- Não

7. Existe alguma iniciativa realizada pelo museu em prol da emancipação de mulheres no campo artístico ou mesmo sociocultural?

- Sim
- Não

8. Se sim, qual/quais?

9. Há algum programa ou recursos especiais no museu direcionados exclusivamente para mulheres?

- Sim
- Não

10. A equipe considera que a importância da história, dos direitos e das contribuições das mulheres é devidamente destacada no museu?

- Sim
- Não

11. Quantas mulheres trabalham no museu?

12. Quais áreas dentro do museu são lideradas por mulheres?

13. A equipe sente que a ocupação entre homens e mulheres em cargos de liderança no museu reflete um equilíbrio?

- Sim
- Não